



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1110

TEORIA DA HISTÓRIA AFRICANA: COLONIALISMO, INDEPENDÊNCIA E REVOLUÇÃO EM FRANTZ FANON

Prof. Dr. Danilo Ferreira da Fonseca
(Unioeste)

Resumo. Os processos de independências do continente africano e asiático produziram também uma série de intelectuais ativistas para problematizar a temporalidade em que viviam. Entre estes intelectuais está Frantz Fanon que refletiu acerca da natureza do sistema colonial do século XX e os diferentes modos para produzir uma sociedade mais justa. Neste sentido, a presente comunicação busca elaborar conceitos chaves de Frantz Fanon, principalmente no que tange o colonialismo, a independência e a revolução, obtendo assim, um entendimento mais amplo de um dos mais importantes intelectuais africanos e que tem muito o que colaborar com a historiografia contemporânea. Para atingir tal reflexão é necessário fazer um amplo levantamento bibliográfico acerca dos distintos modos que Frantz Fanon é compreendido, além de mergulhar nas suas principais obras, como é o caso de *Os condenados da Terra* de 1961. O que é fascinante na obra e na construção reflexiva de Fanon é o modo que ele parte da África para a África, elaborando conceitos que batem de frente com certezas da teoria da história ocidental, tornando-se, de muitas maneiras, um intelectual que incomoda o mundo europeu, conforme destaca Jean Paul Sartre. Assim, Frantz Fanon abre espaço para pensamentos que visam entender de uma maneira mais ampla o que é o continente africano e as suas relações históricas com a Europa. A presente comunicação é fruto de um projeto de pesquisa individual em andamento intitulado “Teoria da História africana: Colonialismo, resistências e direitos humanos”.

Palavras-chave: África; Colonialismo; Independência; Revolução; Frantz Fanon.

Frantz Fanon: um intelectual para nosso tempo

Frantz Omar Fanon (1925 – 1961) foi um dos mais importantes intelectuais e ativistas políticos que participaram ativamente da construção de uma nova sociedade, assim como também teorizou a experiência do homem colonizado a partir de um aparato marxista.

A obra de Fanon, ao trazer um entendimento da relação imperialista e do colonialismo entre a Europa e a África a partir da perspectiva do homem colonizado, e não apenas dos próprios propósitos das potências capitalistas, constrói uma

percepção da colonização vista de baixo, desnudando uma das páginas mais bárbaras da história, mas que, conforme ele próprio aponta, era falsamente transvestida com o humanismo europeu.

Com tal perspectiva, a leitura de Fanon se torna ainda mais dimensionada, na medida em que o mundo contemporâneo sofre um constante processo de avanço e dominação das potências capitalistas.

Porém, apesar da importância e do choque que Fanon causou durante a década de 1960 no mundo colonial e na Europa, no contexto brasileiro, suas obras passaram a ser mais valorizadas apenas num período mais recente.

Segundo Antônio Guimarães¹ (2008), a receptividade que Fanon obteve por intelectuais brasileiros na década de 1960 foi relativamente morna, tendo em vista, principalmente, o modo que a esquerda brasileira se articulava na época, assim como as camuflagens e as diferenças dos conflitos raciais no Brasil e o modo que esta temática era ainda marginalizada nas universidades brasileiras.

Fanon passou a ser mais utilizado no Brasil, segundo Mário Silva², a partir de 1980, principalmente voltado para questões que envolviam do ativismo político e cultural do negro brasileiro. Mesmo com o desenvolvimento resultante de tal inserção tardia, o debate acerca de Fanon dentro da academia brasileira ainda carece de um maior cuidado.

Todavia, o debate que envolve Frantz Fanon em outras territorialidades se demonstra muito mais rico, apresentando múltiplas apropriações que envolvem as reflexões de Fanon. Conforme Antony Alessandrini³ aponta, existe toda uma variedade teórica, metodológica e política acerca de Fanon, muitas das quais são incongruentes, o que possibilitou debates que chegam a apenas valorizar e apontar as limitações de Fanon, ou outros que buscam deixar clara a importância de seu legado e buscam até ampliar as reflexões que foram propostas por Fanon.

Porém, as apropriações feitas diante da obra de Fanon muitas vezes acabam por subsumir as perspectivas do intelectual, realizando, em alguns momentos, ampliações não condizentes com os propósitos de Fanon.

¹ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **A recepção de Fanon no Brasil e a Identidade Negra**. Novos Estudos – CEBRAP. 2008, n° 81, PP 99-114.

² SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **Fanon e o ativismo político-cultural negro no Brasil: 1960/1980**. Estudos Históricos (Rio de Janeiro). 2013, vol26, n° 52, PP 369-390.

³ ALESSANDRINI, Anthony C. **Frantz Fanon: Critical Perspectives**. Londres. Routledge, 1999.

Deste modo, diante da multiplicidade de apropriações de Fanon, o presente trabalho tem o objetivo de debater categorias fundamentais da obra de Fanon e que são pontos centrais para o entendimento de sua teoria e prática. São elas: o Colonialismo; a Independência; e a Revolução.

O *colonialismo* se torna fundamental na construção teórica de Frantz Fanon devido à própria inserção de dominação do colonialismo imperialista o qual a sua sociedade estava mergulhada, sendo esta dominação de extrema violência. Com isso, a reflexão e luta por um processo de *Independência* se torna inerente dentro de suas reflexões, já que a questão prática imediata era como se livrar, em todos os sentidos, da dominação colonialista e construir o seu próprio país.

A influência de um referencial teórico marxista traz a percepção para o autor que a sua luta vai além de um processo de independência, fazendo parte também de um processo revolucionário, em que o produto desta luta é a *Revolução* e a construção de uma sociedade socialista.

Colonialismo: um mundo cindido.

Em sua obra *Os condenados da Terra*, Fanon constrói uma perspectiva única acerca do processo colonial do continente africano (mas que também pode ajudar na reflexão da colonização da Ásia e ainda da América), para tal atribui a *Violência* o papel central para se entender colonização. Deste modo, a *Violência* se torna a sua chave analítica na elaboração de suas argumentações acerca do Colonialismo. Não existe um sistema colonial que não seja violento e que tenha as suas relações coloniais mediadas principalmente pela violência do colono.

A violência já surge, e é essencialmente dada, a partir de um confronto entre o “*homem de fora*” e o “*homem de dentro*”, já que o primeiro possui o intuito de dominar, explorar e destruir a vida daqueles que vivem na região pretendida, ou melhor, na região a ser colonizada. Este primeiro confronto violento, vai instituir a figura de “*dois velhos conhecidos*”, o Colono e o Colonizado, em que o Colono vai possuir como fator primordial de sua existência retirar bens (os quais ele se apropria) da Colônia, enquanto que cabe ao colonizado apenas trabalhar para o Colono.

A perspectiva de uma cisão racializada entre o branco e o negro já se fazia presente em Fanon em obras anteriores à *Os condenados da Terra*, principalmente, em *Peles negras, máscaras brancas*. Mesmo realizando uma problemática próxima, se perguntando acerca dos motivos que sustentam uma dominação racial, Fanon

possui um diagnóstico distinto (mas complementar), já que em *Peles negras, máscaras brancas*, o autor considera que essa cisão não possui como sustentáculo a violência, mas sim a interiorização da inferioridade pelo homem negro, ou, nas palavras do próprio Fanon: “*Se existe um complexo de inferioridade, ele é o resultado de um processo duplo: Primeiramente, econômico; Subsequentemente, a internalização – ou, melhor, o epidermalização – desta inferioridade*”.⁴

Para Fanon, esta forma de dominação vigente nas regiões coloniais se difere significativamente do próprio modo de dominação que a população do país de origem do Colono está submetida. Enquanto que o colonizado está vivenciando uma “coabitação” imposta pela violência do sistema colonial e seus agentes repressivos, nos países europeus, “*entre o explorado e o poder interpõe-se uma multidão de professores de moral, conselheiros e desorientadores*”,⁵ ou seja, a exploração da população europeia é camuflada por uma série de mecanismos.

A violência e a exploração são o meio e o fim para manter-se o sistema colonial, já que toda vez que o colonizado se manifesta, o Colono “*lhe aconselha com coronhadas ou napalm que fique quieto*”.⁶

Mesmo com a afirmação de que a polícia e o exército seriam as principais comunicações e ferramentas de dominação do sistema colonial, Fanon também destaca, em pontos de sua obra, outros mecanismos e agentes de dominação do sistema colonial, entre eles está a Igreja Cristã. Por décadas, padres e outros agentes religiosos tiveram em missões no continente africano a função de corroborar com a constituição do colonizado enquanto um sujeito histórico subjugado.

Este processo é tão violento quanto o método da repressão policial, pois, assim como na ação dos agentes repressivos, as missões religiosas possuíam o intuito de demonizar as formas de vida diferentes das dos europeus, animalizando a vida do homem colonizado e impondo como a única forma de redenção a completa aceitação dos costumes e valores ocidentais. Deste modo, a violência também é empregada na dominação religiosa.

Porém, os agentes da repressão se tornam bastantes significativos para compreendermos o modo que Fanon define o mundo colonial, já que para ele, este

⁴ FANON, Frantz, *Peles Negras Máscaras Brancas*. Salvador, EDUFBA. 2008

⁵ FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 54

⁶ FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 54-55.

regime da opressão e da violência existe para sustentar um mundo de interdições, ou um mundo compartimentado.

Para Fanon, o colonialismo divide a sociedade em duas, já que vão existir deliberadamente ou até institucionalmente a divisão entre as regiões frequentadas pelos “indígenas” e as regiões dos “europeus”. Neste sentido, encontramos no mundo colonial cidades para indígenas e cidades para europeus, assim como escolas, hospitais, transportes, entre outras formas de serviços públicos ou privados.

Sendo assim, o regime sul-africano do Apartheid se torna, para Frantz Fanon, um sistema paradigmático para a compreensão do mundo colonial, mesmo sendo a África do Sul um país independente desde a década de 1910, mas que não superou a sua estrutura colonial.

A divisão do mundo colonial em dois é constituída literalmente por fronteiras bem delimitadas por postos de checagem, muros e postos policiais, em que a circulação dos indivíduos dessa sociedade (principalmente o colonizado) é controlada e regulamentada pelo Estado Colonialista.

Desta forma, as regiões habitadas pelo Colono e pelo Colonizado são bastante distintas, e Fanon deixa isso bem claro ao definir cada uma delas. Para Fanon a cidade do colono europeu é:

uma cidade sólida, toda de pedra e ferro. É uma cidade iluminada, asfaltada, onde as latas de lixo transbordam sempre de restos desconhecidos, nunca vistos, nem mesmo sonhados. Os pés do colono nunca se mostram, exceto talvez no mar, mas nunca se está bastante próximo deles. Pés protegidos por sapatos fortes, enquanto as ruas da cidade são limpas, lisas, sem buracos, sem pedriscos. A cidade do colono é uma cidade empanturrada, preguiçosa, seu ventre está sempre cheio de coisas boas. A cidade do colono é uma cidade de brancos, de estrangeiros.⁷

Enquanto que a cidade do colonizado:

(...), ou pelo menos a cidade do indígena, a aldeia negra, a Medina, a reserva é um lugar mal afamado, povoado por homens mal afamados. Ali, nasce-se em qualquer lugar, de qualquer maneira. Morre-se em qualquer lugar, de qualquer coisa. É um mundo sem intervalos, os homens se apertam uns contra os outros, as cabanas umas contra as outras. A cidade do colonizado é uma cidade faminta, esfomeada de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma cidade agachada, uma cidade de joelhos, uma cidade prostrada. É uma cidade de pretos, de “turcos”.⁸ (p55-6)

Podemos observar que Fanon apresenta as duas territorialidades da colonização (a cidade do colono e a cidade do colonizado) como sendo completamente oposta, principalmente no que diz respeito ao acesso de bens para

⁷ FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 55.

⁸ FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 55-56.

suprimir necessidades, como os alimentos, ou até mesmo os sapatos. Mas essa cisão entre as duas distintas cidades também possui um caráter “racial” já que a segregação também está entre brancos estrangeiros e negros nativos.

Porém, para Fanon essa cisão entre o colono e o indígena é ainda mais profunda, indo além de uma segregação física da espacialidade. Na construção da relação de dominação entre o poder colonial e as populações nativas ocorre um tratamento particular daqueles que são dominados, já que o Colono encara e trata o indígena como se esse fosse um “*mal absoluto*”, desprovido de valores éticos ou morais. Para o Colono, o colonizado seria quase que um animal.

Nesse sentido ocorre um discurso de superioridade ocidental com o intuito de destruir as referências do mundo do colonizado, na mesma medida em que o colono busca impor os seus valores e a cultura ocidentais, com uma bandeira de universalidade, ou seja, a sociedade do colono se coloca como sendo universal, única e suprema forma de sociedade humana e com o dever de impor tais posições para o restante da humanidade que supostamente viveria na barbárie.

Todavia, Fanon destaca que ao ser tratado de tal maneira, o que ocorre com o colonizado é justamente o contrário, pois é privado de sua própria humanidade, ainda mais que tais valores humanistas e universalistas como a Liberdade e a Igualdade são impostos pela pura violência da repressão e da segregação.

A imposição violenta de valores ocidentais e práticas sociais de exploração e segregação possuem, segundo Fanon, o intuito de produzir uma dominação ainda mais ampla do homem colonizado, atingindo também uma dominação psíquica.

A prática da violência é utilizada e manifestada abertamente com o intuito de levar aos cérebros dos colonizados a sua suposta inferioridade frente ao colono. Os anos de dominação violenta (seja na segregação ou na exploração) faz com que os colonizados passem aos poucos a não reagir a dominação a que estão sujeitos, se submetendo com mais facilidade ao poder do Colono. Alguns indígenas chegam a negar completamente a sua própria humanidade e passam para o lado do Colono, assumindo a sua postura e as suas práticas de dominação.

Mesmo com todo o aparato de dominação e repressão, para Fanon, não existe a possibilidade de esses dois homens viverem juntos. A completa segregação e a violência produzem um efeito contrário para a dominação colonial, que ao configurarem dois homens distintos faz com que o homem colonizado busque a sua

própria humanidade e passe a ter como a sua necessidade primeira e obrigatória uma completa transformação deste mundo que só pode ser pensada a partir da expulsão do Colono, de um processo de descolonização e independência.

Descolonização e Independência: a superação do mundo colonizado.

Fanon, ao problematizar a vida do homem colonizado frente ao sistema colonial, também deixa claro qual é o seu posicionamento frente ao modo que este sistema da violência pode e deve ser superado. Para Fanon, a única forma de superar a violência do colonialismo é utilizando-se também da violência.

A via armada e o confronto direto com o colono seria o único modo de superar a dominação ocidental e construir um mundo em que se respeitasse a humanidade do indígena.

Para Fanon a única forma de o homem colonizado construir o seu mundo seria com uma plena expulsão do colono e de seu sistema de dominação. Não haveria meio termo. O processo de descolonização dos países africanos e asiáticos deveria ser um processo de substituição total.

É importante resaltar que para Fanon este processo seria realizado sem qualquer forma de transição, em que o colono não poderia participar. O colono seria uma pessoa incapaz de entender a necessidade da descolonização, já que a sua essência seria a própria colonização, ou seja, só há colono quando existe um sistema colonial para sustentá-lo.

A possibilidade de uma descolonização e independência da Colônia é algo que aterroriza o Colono, por isso ele não poderia participar e aceitar tal processo. Nesse sentido, a descolonização não pode ser um “*entendimento amigável*” entre o Colono e o Colonizado, pois o fim do colonialismo não seria a construção de pontes ou a abolição das fronteiras entre as zonas dos estrangeiros e dos indígenas, mas sim a completa abolição de uma zona “*enterrá-la no mais profundo do solo ou expulsá-la do território*”.⁹

Caberia apenas aos homens colonizados construir todo um Estado novo, que possuísse toda uma nova diplomacia, orientação política e econômica. Essa construção de um novo mundo só seria possível a partir do próprio processo descolonização, já que é nesse processo de descolonização que ocorre uma

⁹ FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 57.

transformação do ser colonizado, em que espectadores reprimidos se tornam os atores principais e privilegiados de seu próprio processo histórico.

A partir do momento que o colonizado busca a sua independência, este deixa de ser uma “*coisa*” do colono para se tornar efetivamente um homem que faz a sua própria história. É interessante como, para Fanon, a consciência política do homem Colonizado se edifica a partir da sua própria participação na libertação, numa construção conjunta, e liberando uma angústia que existe dentro de si.

Fanon adquire essa perspectiva a partir da sua participação na Frente de Libertação Nacional da Argélia, demonstrando uma postura distinta daquela que possui em *Peles negras, máscaras brancas*, na qual para o autor “*a desalienação efetiva do homem preto vincula-se ao reconhecimento imediato das realidades sociais e econômicas.*”¹⁰

Porém, em *Os condenados da terra*, para atingir tal ponto de libertação é necessária derrubar todo e qualquer obstáculo, e para isso é preciso utilizar a violência. Se em *Peles negras, máscaras brancas*, Fanon se preocupa em problematizar a dominação racial na França, em *Os condenados da terra*, o autor busca as formas de superar essa dominação nas colônias, e para ele é apenas com a violência que seria possível realizar uma completa inversão da ordem, em que os dominados se tornariam os donos da história.

Neste sentido, a percepção revolucionária de Fanon entra em conflito com as percepções marxistas hegemônicas acerca dos processos revolucionários, já que para Fanon o grande sujeito histórico capaz de levar adiante na Argélia uma nova ordem seriam os camponeses argelinos e não os operários, conforme grande parte dos Partidos Comunistas declaravam na época.

Para Fanon, apenas os camponeses teriam esse ímpeto revolucionário, pois não possuíam nada a perder, enquanto que os operários argelinos já estariam integrados ao mundo colonial, com ganhos e bens materiais que os fariam negar a possibilidade de uma nova ordem efetiva. Apenas os camponeses estariam dispostos a quebrar a ordem do mundo colonial.

Com a descolonização querendo mudar a ordem de um mundo, construindo uma nova ordem, neste sentido, o seu programa seria o da “*desordem absoluta.*”

¹⁰ FANON, Frantz, *Peles Negras Máscaras Brancas*. Salvador, EDUFBA. 2008

Mas o que seria para Fanon esta nova sociedade a ser construída por um novo homem descolonizado e independente?

Revolução e contrarrevolução: a construção de uma nova ordem

Na construção de um novo mundo para o homem colonizado, Fanon tinha claro quais eram as possibilidades que estavam em jogo, já que a expulsão do Colono não levaria necessariamente os indígenas à uma sociedade que respeitasse e fosse constituída pelos seus próprios valores e humanidade.

O processo de descolonização dos países africanos e asiáticos também poderiam possuir sabotadores internos, que eram constituídos principalmente pelos “*intelectuais colonizados*”, que, durante a luta dos povos colonizados pela sua independência, vão buscar realizar um diálogo e uma saída negociada para o confronto entre as forças coloniais e aqueles que são explorados por essa força, reivindicando variantes nas petições que se apresentam como motivações obscuras. Ao seguir o ocidente em seu valor abstrato de humanidade (que impõe a violência na prática), o “*intelectual colonizado*” busca a paz entre o colono e o indígena.

Todavia, conforme aponta Fanon, este intelectual não se atenta ao fato de que o colono só possui interesse na Colônia quando se constitui uma relação de dominação e que a exploração do colonizado é o seu único propósito. Sendo assim, no instante em que essa relação de poder é desconstruída, o europeu abandona a Colônia a sua própria sorte.

Mesmo após a conquista da independência pelos países colonizados, com a expulsão ou fuga dos colonos, os perigos de uma sociedade ocidental não ficam totalmente descartados, já que os intelectuais colonizados podem tentar constituir uma sociedade esquizofrênica em que se busca um diálogo com a população local ao mesmo tempo em que se tem introjetado em suas percepções de mundo, parâmetros da vida ocidental.

Conforme Reiland Rabaka¹¹ ressalta, para Frantz Fanon, a constituição de uma nova sociedade não poderia ter parâmetros eurocêntricos, ou seja, não poderia se basear na experiência histórica da Europa, mas sim, se constituir a partir de suas próprias experiências locais.

A percepção ocidental da vida, introjetada em “*intelectuais colonizados*”, torna-se um perigo para a constituição de uma nova ordem, já que possui uma visão

¹¹ RABAKA, Reiland. **Africana Critical Theory**: reconstructing the black radical tradition, from W. E. B. du Bois, and C.L.R. James to Frantz Fanon and Amilcar Cabral. Plymouth, Lexington Books, 2010, p 187.

de sociedade que deveria ser feita por indivíduos separados, cada qual com a sua própria subjetividade. Porém, esta percepção não daria conta da complexidade das sociedades africanas e asiáticas.

Com o poder em suas mãos, os intelectuais poderiam promover uma regressão no processo de independência, promovendo socialmente valores dos colonos, como é o caso da disciplina, da especialidade, ou da divisão de áreas, que acabam com profundidade do processo de luta realizado pela descolonização.

Deste modo, muitos destes intelectuais vão continuar um processo de dominação e exploração da população local em que “*sobem na vida através de negociatas e roubos legais*”,¹² promovendo a nacionalização da riqueza para uma elite local, pilhando os recursos nacionais em relações de importação-exportação ou em privilégios. Um processo que vai promover a miséria nacional.

Neste sentido, Fanon aponta para o perigo de ocorrer uma falsa descolonização, principalmente devido ao voluntarismo cego de partidos políticos e as elites intelectuais ou comerciais que buscam se posicionar quando as condições históricas e teóricas estão maduras para o processo de libertação.

Esta falsa descolonização se desenvolveria devido ao viés eleitoreiro dos partidos políticos, em que apresentam apenas uma “*sequência de dissertações filosóficas-políticas sobre direitos dos homens*”¹³, mas não percebem que estas questões são ocidentais, assim como as suas posições pacifistas e legalistas.

Esse posicionamento de uma descolonização (que seria falsa, segundo Fanon), que não seria preciso utilizar da violência, demonstraria o quanto tais partidos locais são partidos da ordem e não possuiriam um compromisso com a derrubada do sistema, apenas por uma troca de poder. Por outro lado, se tais partidos são reformistas nas atitudes, em seus discursos e palavras são violentos, propondo uma completa transformação da vida.

Todavia, tais discursos são falsos, já que quando conduzem o processo de descolonização, ao chegarem ao poder o que fariam são meras discussões acerca da administração, representação, ou ainda acerca da liberdade de imprensa, sem realizar um completo rompimento com a lógica internacional do imperialismo.

Isso não quer dizer que tais intelectuais e partidos deveriam estar ausentes do processo de descolonização, ou até serem expulsos da Colônia junto dos

¹² FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 65.

¹³ FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 76.

colonos. Para Fanon, tais intelectuais são fundamentais na construção da nova ordem, mas apenas a partir do momento que conseguem se libertar da sua colonização mental. E é no próprio processo de luta, ao lado do povo colonizado, que o intelectual consegue entender por qual sociedade está lutando, já que vivencia as principais questões da população local e a sua verdadeira humanidade.

Em última instância, o debate proposto por Fanon entre os possíveis caminhos que poderiam ser traçados pela Argélia e todo o mundo colonial estaria entre as alternativas do socialismo ou a barbárie,¹⁴ sendo que a barbárie seria tanto a manutenção da ordem colonial, ou a alternativa de uma construção de sociedade pautada na burguesia nacional colonizada, enquanto que a alternativa socialista seria aquela desejada por Fanon e também por parte da população (principalmente camponeses) que queriam construir uma nova sociedade.

Na construção de uma nova sociedade e uma nova ordem, Fanon nos traz indícios de que esta deve ser baseada na defesa das instituições africanas (como os *djemaas*), em que a tradição estabelece que os problemas sociais deveriam ser debatidos publicamente por toda comunidade, criando a sua própria “*luz e razão*”.

A experiência de tal sociedade seria constituída a partir da própria tradição local, como as assembleias de aldeias, comissões do povo, ou ainda reuniões de bairro, em que o problema de um é entendido como o problema de todos, mas esse todo se torna o nacional e não mais uma série de grupos tribais distintos.

Fanon nos indica que o grande defeito do mundo ocidental e de uma sociedade construída por intelectuais colonizados seria que estes “*não vê[em] o tempo todo, o todo*”¹⁵, ou seja, para se construir uma nova ordem, é necessário uma percepção de totalidade da sociedade a todo instante, e não percepções ou preocupações pontuais, ou específicas.

Neste sentido, aquele que possuiria a melhor percepção das posições globais seria o próprio povo que participa do processo de independência, já que as suas preocupações primárias envolvem a terra e o pão: “*o que fazer para ter terra e pão*”¹⁶. Desta forma, para Fanon, este seria “*o modelo operatório mais enriquecedor e mais eficaz*”¹⁷ (p. 67), apesar de aos olhos ocidentais parecer algo simples.

¹⁴ URAWOY, Michael. **O marxismo encontra Bourdieu**. Campinas. Editora Unicamp. 2010. P. 119.

¹⁵ FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 67.

¹⁶ FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 67.

¹⁷ FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 67.

De imediato, o processo de independência se torna uma reparação moral e consagra a dignidade do homem colonizado. Porém, a sociedade a ser construída continua em aberto, já que os homens colonizados, agora independentes, ainda não tiveram o tempo para se construir e afirmar os seus valores. Frente às múltiplas necessidades dessa nova sociedade, de construir ou reconstruir o transporte, a estrutura produtiva e o próprio exército, é comum estes novos países buscarem ajuda externa de todos os lados.

Em um contexto de Guerra Fria, os países coloniais que se tornavam independentes, aponta Fanon, propunha colaborações com o bloco Capitalista e o Socialista, mantendo uma postura de neutralidade. Porém, essa neutralidade, segundo Fanon, é danosa, já que pode tornar estes países dependentes novamente.

Para Fanon, os novos países independentes deveriam se posicionar e construir uma sociedade socialista própria, encarando os seus próprios problemas e entendendo que “*a vida é um combate interminável*”¹⁸, em que a descolonização e a independência são apenas o primeiro passo de uma longa luta, já que depois da libertação a luta se torna contra a miséria, o analfabetismo e o subdesenvolvimento. É preciso entender e encarar tais problemas do mesmo modo que os problemas do colonialismo eram enfrentados.

Referências

- ALESSANDRINI, Anthony C. **Frantz Fanon: Critical Perspectives**. Londres. Routledge, 1999.
- BURAWOY, M. **O marxismo encontra Bourdieu**. Campinas. Ed. Unicamp. 2010.
- FANON, Frantz, **Peles Negras Máscaras Brancas**. Salvador, EDUFBA. 2008
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **A recepção de Fanon no Brasil e a Identidade Negra**. Novos Estudos – CEBRAP. 2008, nº 81, PP 99-114.
- RABAKA, Reiland. **Africana Critical Theory: reconstructing the black radical tradition, from W. E. B. du Bois, and C.L.R. James to Frantz Fanon and Amilcar Cabral**. Plymouth, Lexington Books, 2010.

¹⁸ FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005. P 111.

SILVA, Mário Augusto M. da. **Fanon e o ativismo político-cultural negro no Brasil: 1960/1980**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. 2013, vol26, nº 52, PP 369-390.